

# Papa Leão XIV: a continuidade do verbo “esperançar”



» PADRE MIGUEL MARTINS  
Superior dos Jesuítas, coordenador do Núcleo Apostólico da Região Brasília/Goiania e diretor do Centro Cultural de Brasília

» ANA PAULA INGLÉZ  
Presidente da Comissão Justiça e Paz de Brasília, advogada e ouvidora do Serviço Florestal Brasileiro

A fumaça branca que anuncia o novo escolhido traz a alegria do rebanho que encontra seu pastor. A figura de Pedro, o espaço político do papado no mundo contemporâneo, o ritual que envolve a escolha e a anunciação tem lastro na tradição da Igreja — as mudanças, muitas vezes, são vistas com desconfiança. É necessária muita coragem para mudar o que está estabelecido há tantos séculos, e nem sempre há o devido espaço de negociação.

Leão XIII lançou a encíclica *Rerum Novarum* (Das coisas novas), escrita em 15 de maio de 1891, que criticava a exploração dos trabalhadores e o próprio capitalismo.

O discurso de apresentação trouxe aspectos de continuidade e de conexão com a proposta do saudoso antecessor papa Francisco. A primeira palavra, em rito de estrita cristandade, foi o desejo incondicional da paz. “A paz esteja convosco” é a primeira fala de Jesus Cristo ressuscitado dirigida aos discípulos. Mostra a eles as marcas da crucificação e novamente diz: “A paz esteja convosco” e repete oito dias depois, no segundo encontro: “A paz esteja convosco” (João 20,19-31). Os discípulos temerosos ainda

não alcançavam todas as dimensões da revolução amorosa do Evangelho. Leão XIV institui a paz como momento fundante de seu pontificado: “Onde quer que estejam, a todos os povos, a toda a terra, a paz esteja convosco”.

Retoma a figura do bom pastor, realizando conexões simbólicas entre seu papado e o de Francisco: o apascentador do rebanho de fiéis. “Deus que nos ama a todos, incondicionalmente.” Leão XIV retoma o célebre “construir pontes” para o diálogo, o encontro, em comunhão universal.

Sua origem em Chicago, território de lutas proletárias intensas, terra da luta pelos direitos civis nos Estados Unidos, certamente é um dado relevante na sua formação, como também o reconhecimento da própria trajetória sacerdotal iniciada no Peru, enquanto religioso missionário agostiniano. Um coração latino-americano, com exemplos proféticos de Dom Helder Câmara, Dom Pedro Casaldáliga, Dom Paulo Evaristo Arns, que se destacaram por sua atuação em defesa dos direitos humanos, pela denúncia de injustiças sociais e pela promoção do diálogo com outras religiões e setores da sociedade.

Um olhar de relance para trás, mirando o futuro: um fio conector com o reconhecimento das missões propostas pela própria fé, entremeado pelas referências das bases teológicas e doutrinárias do cristianismo que fundaram a instituição Igreja — como um bom agostiniano.

Em seguida, relembra um momento crucial da pandemia, na Páscoa de 2020, quando o papa Francisco rezou a *Urbi et Orbi* diante de uma Praça de São Pedro vazia. Profetizou a esperança e a fraternidade, e nos abraçou a todos em um enlace necessário ao mundo tomado por desconsolo e ansiedade.

Leão XIV retoma aquela bênção inesquecível e apascenta os fiéis: “Deus nos quer bem, Deus nos

ama a todos. O mal não prevalecerá. Estamos todos nas mãos de Deus. Portanto, sem medo, unidos, mão na mão com Deus e entre nós, sigamos adiante. Somos discípulos de Cristo. Cristo nos precede. O mundo precisa da sua luz”. E agradece ao papa Francisco.

Sua proximidade com Francisco e a postura de honrar os elementos fundamentais do papado a que sucede, trouxe a humildade, a simplicidade e a vocação do cristianismo vivo. Em outro contexto, suas palavras do discurso inicial seriam do próprio Francisco.

Coloca a Igreja “de braços abertos, a todos, todos aqueles que precisam da nossa caridade, da nossa presença, do diálogo, do amor”. Traz especial atenção ao legado de maior peso do papa Francisco: a busca pela sinodalidade e por uma igreja horizontalizada, misericordiosa e em missão, que caminha com fundamento na paz, na caridade e sendo próxima a quem sofre.

Esteve presente a devoção mariana e sua primeira bênção como papa — aquela mesma *Urbi et Orbi*.

Aqueles que esperam que suas posições, enquanto bispo, sejam similares neste novo momento, entendam que a um bispo cabe pouco em opinar e muito em servir. Como papa, o servir se modifica e transborda a missão sacerdotal. O peso do anel papal é lastro para novos posicionamentos, novas responsabilidades e, principalmente, um novo apelo à fé.

Antes, ainda, da primeira palavra, a postura de Leão XIV se mostra visivelmente emocionado, sereno. Com lágrimas contidas e um sorriso terno e gentil, Leão XIV surgiu no balcão da Basílica de São Pedro.

O verbo “esperançar” significa dar ou inspirar esperança. O papa Francisco, frequentemente, usava este verbo para enfatizar a importância da esperança na vida dos cristãos e na construção de um futuro melhor. Como síntese do discurso de Leão XIV permanece o verbo “esperançar”.

## Um amor e uma saudade que vem de Braçanã



» VALDIR OLIVEIRA  
Ex-secretário de Desenvolvimento Econômico do Distrito Federal

Braçanã é um distrito do município de Rio Bonito, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Foi de lá que surgiu a inspiração para Luiz Vieira e Arnaldo Passos fazerem a música *Menino de Braçanã*, lançada em 1953. Essa música retrata, com simplicidade, a inocência de uma criança que precisa voltar para casa antes de escurecer, promessa feita para sua mãe e que deve ser cumprida. E foi essa música que marcou a minha infância. Foi em um fusca azul, dirigido por Dona Maryland, que eu e meus irmãos íamos para o colégio João XXIII, em Fortaleza. Ela nos ensinava a cantar de casa à escola que “quem anda com Deus não tem medo de assombração, e eu ando com Jesus Cristo no meu coração”. Essa é a história da minha vida. Ter coragem para enfrentar os percalços da vida, porque ando com Deus e tenho Jesus Cristo no meu coração.

No último dia 2, minha mãe encerrou o ciclo nessa passagem. Dona Maryland seguiu sua caminhada na eternidade, mas deixou um legado de resiliência e coragem com a forte mensagem de nunca desistirmos dos nossos sonhos. Não foi vida fácil. Desde a saída da cidade de Milagres, interior do Ceará, para a capital, assumiu a missão de alfabetizar crianças, jovens e adultos na escola pública. E assim fez. Alfabetizou os filhos antes da escola. Era regra na minha casa: primeiro com ela, depois com a escola. Os adultos que cruzaram a sua vida e que não sabiam ler e escrever eram libertados por Dona Maryland. Essa era minha mãe. Personalidade forte, decidida e de alma linda. Tinha amor pela missão de alfabetizar, sabia que esse era o caminho para libertação.

O amor foi o condutor da sua vida. A relação com meu pai foi a de um amor simbiótico que a fez perder o brilho nos últimos anos, depois de sua morte. Eram tardes ouvindo Roberto Carlos e escrevendo cartas de amor para quem foi a mola mestra da sua existência. Pouco interessa se a vida não lhe proporcionou só momentos felizes. Para ela, o registro era de pura felicidade e saudade de alguém que tinha deixado um vazio imenso em seu coração. Ninguém cantou o amor como Roberto Carlos, mas hoje posso dizer que ninguém viveu o amor com tanta força como Dona Maryland. Ela se foi. Ela foi encontrar a parte que estava faltando na sua vida, porque não conseguiu aceitar a expressão “até que a morte os separe”. Hoje, Dona Maryland e Seu Valdir estão juntos na caminhada eterna.

O sentido do libertar as pessoas pela alfabetização tomou conta da sua vida. Minha mãe sempre foi daquelas que tinha opinião sobre política. Defendeu quem acreditou e no que acreditou. Não media esforços para lutar por isso. Votou em todas as eleições. Na última eleição, em 2022, avisou ao meu irmão que queria votar. Já com dificuldade de mobilidade, com 80 anos, não queria abrir mão da escolha democrática. De cadeira de rodas, foi da sua casa, na 309 Sul, até o colégio La Salle, onde exerceu seu último ato pela democracia. Na ida, pediu ao meu irmão que queria um adesivo do seu candidato. Colocou no peito e seguiu para a urna. A cada número digitado, sentia falta da foto que era a sua escolha principal. E dizia isso, porque minha mãe sabia o que queria.

Perdemos, nessa passagem, mais uma democrata, mas ela deixou mais uma lição, que nunca devemos deixar de lutar pelo que acreditamos. Ela sempre lutou e escolheu quem a representava. Até os seus 80 anos, Dona Maryland lutou por um país e uma cidade que queria. Seu legado nos ensinou e será acompanhado. Não desistiremos dos nossos sonhos, porque pedido de mãe sempre deve ser atendido.

Perder uma mãe é uma dor profunda. O poeta Drummond pergunta porque Deus permite que uma mãe vá embora. E ele continua mais à frente dizendo que, se fosse o rei do mundo, decretaria a proibição de uma mãe falecer. Segundo o poeta, mesmo que esteja velho, o filho deve ficar sempre junto de sua mãe. É esse meu sentimento. O que não diz o poeta é que esse encontro dar-se-á na eternidade, quando, então, os filhos se reunirão novamente às suas mães e continuarão sua jornada.

Dói muito a sua partida, minha mãe. Não imaginava que ia doer tanto. Seu colo e suas palavras estão deixando um vazio que eu não imaginava sentir já tão perto dos meus 60 anos. No nosso último encontro, na sua luta pela vida, beije a sua testa e disse baixinho no seu ouvido que te amava, e te amarei eternamente. Não foi fácil escrever esse artigo, Dona Maryland, mas, acompanhando a sua fé, siga em paz, e Deus a acompanhe.



## Formação inicial de professores precisa se conectar à realidade escolar



» MARIANA BREIM  
Diretora de Políticas Educacionais do Instituto Península

Ensinar é um dos trabalhos mais importantes e complexos que alguém pode escolher. Lidar com uma sala de aula repleta de alunos com histórias, ritmos e interesses diversos exige muito mais do que domínio de conteúdo, requer um profissional capaz de aplicar esse saber de forma flexível e se adaptar a diferentes realidades.

É preciso, portanto, que a formação inicial de professores articule conhecimento acadêmico, experiência em sala de aula e contexto educacional para preparar os futuros docentes para os desafios da profissão. Essa integração tem sido a base de uma abordagem cada vez mais valorizada internacionalmente: a formação centrada na prática.

Nesse cenário, o estágio supervisionado assume um papel essencial, funcionando como elo entre o que se aprende nos cursos de licenciatura e o que se vivencia nas escolas. É um momento em que se moldam valores, práticas e expectativas que acompanham o professor ao longo da sua trajetória profissional.

No Brasil, cerca de 250 mil estudantes concluem cursos de formação de professores todos os anos. A maioria desses profissionais ingressa na rede pública, que concentra 77% dos mais de 2 milhões de

docentes da educação básica. Ou seja, investir na qualidade da formação prática desses futuros professores é uma forma direta de fortalecer a educação pública e, consequentemente, melhorar a aprendizagem de milhões de estudantes.

Apesar disso, ainda estamos longe de explorar todo o potencial do estágio na formação docente. Dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) mostram que ao menos 66% dos estudantes de licenciatura não cumprem as 400 horas de estágio obrigatório — carga considerada mínima para garantir uma vivência significativa. Na prática, isso significa que a maioria entra na carreira com pouca ou nenhuma experiência real em sala de aula.

Mais preocupante ainda é a qualidade dessas experiências. Com frequência, o estágio é reduzido à simples observação passiva de aulas, sem que o estudante tenha a oportunidade de refletir e discutir de maneira crítica e aprofundada junto aos professores mais experientes. Em outros casos, o estágio se torna, equivocadamente, a substituição do professor titular, sem momentos de planejamento, acompanhamento e orientação por parte de um professor supervisor.

Trata-se de uma oportunidade duplamente desperdiçada: tanto para quem está em formação quanto para as próprias escolas, que poderiam se beneficiar do diálogo com as universidades e da construção conjunta de soluções para seus desafios cotidianos.

Com o objetivo de enfrentar esses problemas, o Conselho Nacional de Educação (CNE) abriu, em março, uma consulta pública sobre a proposta de novas Diretrizes Nacionais para o planejamento e

a realização do Estágio Curricular Supervisionado nos cursos de formação inicial de professores da educação básica.

A proposta representa um avanço importante ao apontar para cursos de formação mais conectados com a realidade das escolas. Ela propõe condições para que o estágio seja, de fato, uma experiência formativa — e não apenas uma exigência burocrática. Destaca ainda a valorização dos professores que atuam como orientadores de estágio, com critérios claros para sua seleção e formação, e a garantia de que todos os estudantes tenham acesso a vivências significativas, diversas e bem estruturadas. Essas experiências devem ser organizadas em atividades formativas com devolutivas qualificadas, que promovam o desenvolvimento das competências profissionais dos licenciandos e rompam com a lógica do estágio entendido como mera observação ou regência de aula.

Valorizar o estágio é reconhecer que ser professor começa muito antes da primeira aula. A nova proposta convida à superação de uma concepção fragmentada da formação docente. Em vez de etapas desconectadas, ela sugere um percurso integrado, no qual o estudante aprende não apenas sobre o ensino, mas com e a partir dele — numa construção coletiva de saberes que fortalece sua identidade profissional desde a graduação.

Se aprovada, a diretriz que aprimora o estágio em cursos de licenciatura poderá contribuir de forma decisiva para que os futuros educadores cheguem às salas de aula mais preparados, mais confiantes e mais comprometidos com a aprendizagem de seus alunos.